

O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA PARA O VELHO(A)

THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF THE ENGLISH LANGUAGE FOR THE ELDERLY

Lígia Felix Parrião Matos¹
Marileide Carvalho de Souza²
George da Cunha Furtado³
Anice de Souza Moura⁴
Fabriny Pereira Machado⁵
Nacismara Pereira Guilherme⁶
Glauce Gonçalves da Silva Gomes⁷
Givanildo Ferreira Bento⁸

RESUMO: Este artigo aborda o crescimento populacional da população idosa, com foco no contexto brasileiro, e discute os desafios e possibilidades do ensino e aprendizagem na terceira idade. São analisadas estratégias para a inclusão dos idosos em práticas educacionais, considerando suas especificidades e potencialidades. Além disso, a presença da língua inglesa no Brasil é destacada, desde sua introdução até sua consolidação como um idioma de grande relevância. Por fim, enfatiza-se a importância da aprendizagem do inglês na velhice, destacando seus benefícios cognitivos e sociais para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.

1949

Palavras-chave: Envelhecimento. Educação. Segunda língua.

ABSTRACT: This article addresses the population growth of the elderly, focusing on the Brazilian context, and discusses the challenges and opportunities of teaching and learning in old age. Strategies for the inclusion of older adults in educational practices are analyzed, considering their specificities and potential. Additionally, the presence of the English language in Brazil is highlighted, from its introduction to its consolidation as a highly relevant language. Finally, the importance of learning English in old age is emphasized, highlighting its cognitive and social benefits for improving the quality of life of the elderly.

Keywords: Aging. Education. Second language.

¹Universidade Estadual do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0008-0490-5911>.

²Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0007-3291-1094>.

³Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0009-2101-5416>.

⁴Secretaria de Educação do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0009-1985-0121>.

⁵Universidade Estadual do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0006-7000-5546>.

⁶Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0003-1810-1424>.

⁷Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0000-0002-5492-7253>.

⁸Secretaria de Educação do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0007-5781-9809>.

SÉCULO XXI: O ENVELHECER DA HUMANIDADE

O assunto 'velho' vem a ser neste século XXI um contexto bem latente e atual, não somente para geriatria, e também não apenas no Brasil, mas para toda a população mundial. Isso porque o grande número de idosos cresceu e tende a crescer ainda mais devido à queda de natalidade desde os anos 70.

De alguns anos para cá, adota-se nomes para, talvez, 'amenizar' o preconceito e discriminação que a pessoa mais velha sofre, pois chamar de 'velho', para grande parte da população, passou a ser pejorativa, uma forma ofensiva e desrespeitosa de tratá-la. Porém, a criança é chamada de criança; o adolescente, de adolescente; o jovem, de jovem. Mas o velho não pode ser chamado assim? Então, criam-se nomes para substituí-lo.

Vencer o preconceito e discriminação de pessoas que entraram na chamada Melhor Idade, ainda é uma barreira a ser destruída. Como afirma Preti (1991, p.07), “O velho é uma não pessoa até no seio familiar.” Ser velho, neste século que visa bens, ou seja, o capitalismo significa estar à parte do processo produtivo e, portanto, à parte também do convívio social.

Segundo Bueno (1999), existe diversos nomes com definição diferentes para a palavra 'idoso'. Pode-se encontrar, por exemplo: Velho, como aquele que tem idade avançada; Senescente, como adjetivo de está no processo de envelhecimento, processo natural do ser humano; Idoso, como uma pessoa que está avançada em anos; Ancião, como um homem velho e respeitável.

O velho e a velhice são concomitantemente referidos a um período cronológico e temporal e constituem uma adjetivação em si mesmos. Desse modo, ressalta-se algo de suma importância, ser velho não é só estar numa fase da vida, mas representa uma propriedade, alguma coisa que se qualifica em si mesma e que, por esta razão, sofreu um processo de desqualificação no interior da modernidade (GUSMÃO, 2003, p. 28).

O processo de envelhecimento é um fato que chega a todos os seres humanos, involuntariamente. Sendo caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligados intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais (BRITO; LITVOC, 2004).

Vivemos uma realidade que há cerca de 60, poderíamos talvez, não imaginar que seria de grande proporção, o aumento de pessoas idosas no Brasil. Com essa ideia de não se ter um país de terceiro mundo pelo crescente número de natalidade, foram implantados vários mecanismos para ser resolvido esse “problema”. Que partir da década de 1960, sobretudo com a implantação do que se denominou de aliança para o progresso, tanto a ideologia quanto as

práticas contraceptivas passaram a ser patrocinadas, assimiladas e rigorosamente executadas. Os resultados não se fizeram esperar. Desaparecem as famílias numerosas e se dá uma redução drástica no número de filhos. E assim, com esse quadro de fundo se compreende que nações até há pouco denominada jovem, entre as quais se destaca o Brasil, já não podem mais ostentar esse pomposo adjetivo sem que sejam feitas algumas importantes distinções. Ao mesmo tempo em que cresce a pressão dos jovens para ocupar seu lugar na sociedade, cresce também o número de pessoas idosas que se sentem descartadas não só do mercado de trabalho, mas da própria sociedade. A insegurança sentida pelos jovens no que se refere ao seu futuro corresponde à insegurança das pessoas que ultrapassam a idade produtiva. Essa nova configuração levanta logo uma série de questionamentos, seja na linha de identificação dos fatores que a provocaram e a continuam mantendo-a, seja na linha dos desafios e medidas que se colocam com premência em relação ao presente e ao futuro não muito distante. Toda essa problemática tem profunda incidência de cunho ético e pastoral. (LIMA;VERAS, 2003).

Os referenciais teóricos sobre a velhice traz dados que evidenciam algumas novas tendências, ou seja, antes de tudo é bom notar que não está ocorrendo apenas um aumento da população anciã, mas um aumento da duração e permanência na idade anciã. (OSORIO, 2002)

Esse crescente número de velhos tem grande impacto na sociedade, já que o envelhecimento populacional traz consigo mudanças em diversas áreas de atenção como, por exemplo, saúde e social, tornando-se necessárias políticas públicas que garantam melhores condições de vida a esta população. (MOTTA, 2004; PAULO; NEVES, 2011).

Por não sermos ensinados a aceitar a velhice, muitos não a veem de bom grado, pois o que se aprende é que ser criança ou jovem é melhor do que ser velho. O que pode atrapalhar aceitarmos e compreendermos melhor as limitações que a idade traz, mesmo querendo trazer a todo o momento que não se está velha (o), porém, a estrutura física não sendo mais a mesma.

Envelhecer, para a imensa maioria das pessoas, significa entrar em declínio físico e mental. A mídia, redes sociais e literatura, principalmente a infantil, ajudam a criar essa crença, pois o idoso é quase sempre retratado de forma caricata, seja como uma criança desregrada, seja como alguém ranzinza, surdo, dedo-duro (termo usado no coloquial), puritano. “O jovem é a imagem da beleza, da alegria, da energia. O velho, em contrapartida, é a imagem da feiura, do declínio, da tristeza e da lentidão” (PIZZOLATTO, 2008, p. 239).

Segundo Beauvoir (1990, p.17), relata que:

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar.

De acordo com a PNI (2003), as orientações do Plano de Ação Internacional de Envelhecimento e a afirmação da Organização Mundial de Saúde (OMS) de que até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas. É criado, aqui, em 2003, o Estatuto da Pessoa idosa pela Lei nº 10.741, de 01 de outubro. O estatuto é considerado um marco legal para as pessoas idosas no país, principalmente em relação à educação, pois afirma que o Poder Público criará oportunidades para a pessoa antiga ter acesso à educação (BRASIL, 2004).

No Estatuto do Idoso que podemos nos embasar numa educação igualitária e de estratégias e metodologias variadas para atender a demanda crescente de idosos no Brasil. Pois, por meio dele que se tem respaldo de lutarmos por direitos a um ensino que seja voltado às necessidades que eles precisam como, aulas preparadas a atender todos os tipos de deficiências que a velhice nos traz: audição, visão, espaço físico e muito mais.

Para Lima e Veras (2003), o envelhecimento populacional é um dos maiores desafios tanto para a Saúde, quanto para a população. No Brasil, o número de idosos, ou melhor, aqueles que têm mais de 60 anos, passou de 3 milhões, em 1960, para 7 milhões em 1975 e 14 milhões em 2002, sendo o equivalente a 500% em apenas 40 anos. Estima-se que em 2020 haverá cerca de 32 milhões de brasileiros idosos. Em países como a Bélgica, por exemplo, foram necessários 100 anos para que a população idosa dobrasse de tamanho.

Segundo Tessari (2002, s/p), a chegada à velhice acarreta barreiras sobre um corpo já muito vivido. Com uma vitalidade já não tão forte, a rapidez dos movimentos e do raciocínio, a mesma coordenação motora da época da juventude.

E com esse envelhecimento populacional, não tão esperado há uns 60 anos, viu-se com ele a necessidade de se saber com quem estamos convivendo, ou seja, nós mesmos no futuro não tão distante, ou para alguns, já presente.

O observar desse crescimento populacional de velhos se transformou em uma grande preocupação. De que maneira iremos envelhecer ou cuidar desses que já estão na velhice? Surgem grandes estudos e pesquisas, na teoria e prática, para um melhor estar velho e com qualidade de vida.

CONDIÇÕES DE VIDA NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO

Para aceitar que se está envelhecendo, e rápido, a população brasileira, precisa ter medidas também, para que esse envelhecimento seja aceito, e de modo agradável, e com qualidade.

Segundo Osório (2002, p. 57), "enigma não é envelhecer, pois faz parte do ciclo vital humano e sim a qualidade de vida do idoso, isto é, a circunstância na qual a sociedade coloca este indivíduo, em analogia a tudo que se dá valor socialmente."

A preocupação para com a qualidade de vida, com ênfase na velhice, obteve força nos últimos quarenta anos. Isto se deu, entre outros motivos, devido ao aumento do número de idosos na população e a expansão da longevidade. Sabe-se que a qualidade de vida compreende um conceito complexo, que tem múltiplas dimensões, é multideterminado, diz respeito à adaptação de indivíduos e grupos de pessoas em diferentes épocas da vida, de uma ou várias sociedades (NERI, 2005). Portanto, determinar qualidade de vida na fase velhice não é ofício simples, ou seja, tanto a velhice quanto a qualidade de vida são acontecimentos condicionadas do tempo.

Segundo Monteiro (2003), nos dias de hoje, cresceu muito o índice de velhos depressivos, com grande declínio da autoestima, pois é um período que para muitos gera incertezas resultando em velhos que não servem para mais nada. Esta etapa da vida traz limitações, cuidados, paciência entre outros fatores a serem observados, porém não é por conta dos cuidados necessários a sua idade que os idosos devem desanimar e parar de aproveitar sua fase.

Para Barreto (1992), esse aumento de pessoas velhas, tanto no Brasil quanto no mundo, deve-se ao alto índice de nascimentos durante as primeiras décadas deste século. Portanto, o processo de envelhecimento de uma população é dinâmico, é preciso, primeiramente, que nasçam muitas crianças, em seguida, que estas mesmas crianças vivam em idades avançadas, e ainda, que, simultaneamente, o número de nascimentos diminua.

A chegada à Terceira Idade traz consigo limitações sobre um corpo já muito vivido. Já não se tem a mesma vitalidade, a rapidez dos movimentos e do raciocínio, a mesma coordenação motora da época da juventude. Há mais tempo disponível, mas os idosos não sabem o que fazer com ele.... Acostumados a fazer, não sabem o que é ser [...] (TESSARI, 2002, s/p).

Quando se fala em envelhecer, visa-se uma probabilidade de consumação da realização do ofício durante a passagem pela vida. Pois é somente por meio do tempo que se pode nutrir o fruto da experiência de toda uma vida, que se podem modificar as direções e perspectivas, ou até mesmo o seu fluxo.

Grande parte dos estudiosos da velhice compreende que o envelhecimento apresenta inúmeras dimensões, sendo que todas decorrem da complexa interação entre aspectos físicos, psicológicos e sociais (GODOY, 1996).

Para Beauvoir (1990), quando se trata de nossa espécie, não é fácil circunscrever a velhice. Assim, ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem velho apresenta certas singularidades. A velhice origina, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como características da idade avançada.

Para Zimerman (2000), o ser humano apresenta uma série de mudanças psicológicas com o envelhecimento, as quais resultam da dificuldade de adaptações a novos papéis sociais, falta de motivações, baixa-estima, autoimagem baixa, dificuldade de mudanças rápidas, perdas orgânicas e afetivas, suicídios, somatizações, paranóia, hipocondria, depressão.

Assis (2004) afirma que a técnica adequada de exercício físico no idoso contribui para o controle da depressão e diminuição da ansiedade, possibilitando a este maior familiaridade com o seu corpo e funções. Desta maneira, a atividade física em qualquer idade pode reduzir os riscos de depressão e declínio cognitivo.

O convívio social é um dos fatores pertinentes a uma boa qualidade de vida para os idosos. Isso quer dizer que, estar em contato com outras pessoas, principalmente de sua idade, dá liberdade de expor problemas em comum, ou até mesmo, atividades que seja de interesse dos mesmos.

1954

É preciso que o velho compreenda que é um ser social, que é fundamental ver e estar com pessoas, compartilhando dos prazeres e mesmo das preocupações dos outros. Neste momento, é imprescindível expandir suas relações sociais (ÓSORIO, 2002, p.21).

Com o convívio entre pessoas da mesma idade, vivenciando as mesmas particularidades do tempo voltadas a sua realidade, faz com que o idoso esteja mais presente às atividades proposta a ele, para dizer se consegue ou não participar, pois, a convivência entre outros de sua faixa etária, torna-o seguro em relatar até onde seu corpo e mente conseguem chegar.

Na sociedade desse século XXI, nota-se que muito já se fez pelo idoso; estudos e pesquisas relatam isso. Mas é evidente, que é necessária uma dedicação maior nesse sentido, principalmente, quando nos referimos à qualidade de vida de pessoas com idade acima de 60 anos. Desta forma, Barreto (1992) afirma que a realidade no Brasil em pleno século XXI não reconhece a velhice, ao dar ênfase aos que se mantem tanto na fisionomia, quanto a psicológica de modo jovem.

Por causa do crescente número de pessoas velhas no Brasil, o número de pesquisa e ações necessita ser intensificado. Seremos um país de muitos velhos, realidade diferente da década de 1960, na qual o índice de natalidade era maior do que o de velhice.

Na educação, a qualidade de vida para os idosos não pode ser feita por um determinado tempo, pois a aprendizagem é contínua, a vida sempre nos ensina a cada momento, e não apenas no contexto escolar, melhor expressado com o termo ao longo da vida. Embora, a educação esteja mais voltada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), em que dá ênfase mais à EJA, onde começa a se desenvolver, porém, ainda não por lei, por pesquisadores que defendam que a educação é um processo ao longo da vida, ou seja, ela não para em uma determinada idade.

O COGNITIVO DO VELHO NO ENSINO/APRENDIZAGEM

Muito se fala sobre o processo de aprendizagem do velho de um modo superficial ao transmitir que a pessoa de idade avançada não consegue aprender da mesma forma que uma criança, adolescente, ou até mesmo, o jovem. Pois é dito que o cognitivo não apura tão bem as informações lançadas a eles, e, o filtro afetivo do velho

já está preenchido, fazendo com que essa aprendizagem seja lenta e de modo diferenciado.

Segundo Li, Lindenberger, Silkström (2001) a cognição envolve todas as funções cerebrais que permitem não apenas acessar, mas também manter o conhecimento. No que tange à linguagem, isto se aplica ao léxico, à semântica, à sintaxe e à fonologia. Com o avanço da idade, as funções cognitivas básicas, como por exemplo, ativar, representar, manter, focar e processar informações pode declinar.

Capuzzo (2012, p.35) retrata bem sua experiência nas Unatis sobre o ensino/aprendizagem e a didática na velhice:

O processo ensino/aprendizagem está diretamente relacionado a uma didática, a um meio de facilitar com que o aluno se aproprie da melhor forma de um determinado conteúdo. No nosso caso, uma didática adequada nas Unatis, para atuação com pessoas velhas, deve considerar suas especificidades e propor objetivos e ações para a mediação adequada. Para tanto, vários aspectos do processo devem ser observados tais como: os objetivos, a escolha dos conteúdos, as técnicas de ensino e os recursos necessários.

Segundo Cavalcante (2010), a respeito de uma idade já avançada, o caso de males neurodegenerativas, dentre as quais as que se denominam demências, são denominadas assim porque afeta de forma expressiva a memória e também outras funções cognitivas, com vigor satisfatório para produzir perda funcional, incluindo até, eventualmente, a realização de

atividades da vida diária ou o reconhecimento de pessoas e lugares do entorno habitual.

Muitos são os fatores que podem interferir na cognição do velho, e que terão impacto no processo de envelhecer, sejam eles positivos ou negativos. Além do que, no envelhecimento normal há um determinante importante que é a individualidade de cada sujeito. Vale ressaltar que a escolarização possui papel relevante na manutenção cognitiva do indivíduo.

Reconhecido como um grande estudioso do sócio linguística, Vygotsky, que defende seu ponto de vista afirmando que o indivíduo aprende através da interação social, ou seja, com o outro, no meio em que se está inserido, justifica que o cognitivo só adquire o conhecimento, ao se ter contato com o outro. Esse fator de aprender com o outro de uma maneira lógica dão-se o nome de socioconstrutivismo, ou também conhecido como sociointeracionismo.

Baltes (1987; 1997), classifica teorias contemporâneas de paradigmas ao longo de toda a vida, a considerar que esse paradigma possui múltiplos níveis e dimensões do desenvolvimento, visto como processo interacional, dinâmico e contextualizado. Integra a noção da existência de mudanças evolutivas de base ontogenética do paradigma de ciclos de vida com as ideias dos paradigmas de curso de vida.

Ainda sobre o processo de aprendizagem ao longo da vida, Baltes (1997), define três novos princípios gerais a respeito da dinâmica biologia-cultural envolvidas nessa trajetória: primeiro, a plasticidade biológica e a lealdade genética caem com a idade, isso quer dizer que a natureza eleva o crescimento nas fases pré-reprodutivas e reprodutivas.

A falar de seleção natural em termos estritamente biológicos, essas ações favorecem a sequência da classe. Segundo, para que o desenvolvimento se estenda até idades avançadas, são necessários progressos cada vez mais expressivos na evolução cultural e na disponibilidade de recursos culturais. A expansão da duração da vida, que hoje está quase no limite máximo estabelecido pelo genoma humano, só foi possível, graças aos investimentos da cultura em instrumentos, habitação, técnicas e equipamentos de trabalho, higiene, imunização, antibióticos e outros recursos de proteção às agressões do ambiente e educação. E terceiro, existe fronteira à potência da cultura para requerer aumento e reabilitação dos danos e do declínio associados à velhice. Aqueles com idade mais avançada são menos responsivos aos recursos culturais, de maneira que sua plasticidade comportamental e sua resiliência biológica são menores.

Nesse diagrama a seguir, mostrará como procede a aprendizagem da língua inglesa, no qual define como cada aprendiz desenvolve sua(s) estratégia(s) para adquirir uma L2, segundo Oxford (1990).

I - Diagrama das estratégias de aprendizagem de acordo com Oxford.



Fonte: Oxford (1990, p.16).

Com base no diagrama acima, Oxford (1990) dividiu as estratégias de aprendizagem em dois grupos: estratégias diretas e indiretas. E esses dois grupos se subdividem em três grupos.

Nas estratégias diretas, no primeiro grupo, elas estão relacionadas a processos de aprendizagem, ou seja, como que os aprendizes irão lidar diretamente com a língua alvo, e são classificadas da seguinte forma: Estratégia de Memória, Estratégias Cognitivas e Estratégias de Compensação. E nas estratégias indiretas, segundo grupo, estratégias de aprendizagem, nas quais dizem respeito à gestão da aprendizagem. E, nesse segundo grupo temos: Estratégias Metacognitivas e Estratégias Afetivas, Oxford (1990, p.15).

1957

Segue uma síntese com as principais características de cada estratégia, (OXFORD, 1990, p. 15):

- **Estratégia de Memória:** o uso dessa estratégia consente ao aprendiz anotar as novas informações sobre a língua-alvo. Para que essa estratégia seja bem utilizada, Oxford (1990) aconselha que ela seja usada simultaneamente com a estratégia metacognitiva e com a estratégia afetiva. Como exemplos de estratégias de memória se têm o uso de conceitos e sons, uso de rimas, utilização de palavras-chave, substituição de novas palavras em um contexto (OXFORD, 1990).

- **Estratégias Cognitivas:** essa é uma das estratégias essenciais na aprendizagem de uma nova língua. Os meios utilizados dentro dessa estratégia são: praticar através da repetição, praticar os sons da língua, fazer anotações ou resumos sobre as novas informações adquiridas, assistir a filmes, seriados de TV, aos noticiários, ouvir música

- (OXFORD, 1990).

- Porém, as Estratégias de Compensação: permitem ao aluno utilizar a língua mesmo que ele não tenha conhecimento suficiente. Suas limitações são compensadas através do uso dessas estratégias, como adivinhar o significado da palavra desconhecida, usar pistas linguísticas como prefixos, recorrer à língua materna, usar mímicas e gestos (OXFORD, 1990).
- Estratégias metacognitiva são ações que os aprendizes executam para coordenar o seu próprio aprendizado, através do planejamento, avaliação e controle. São exemplos das estratégias metacognitiva: prestar atenção quando alguém está falando, estabelecer metas e objetivos, procurar oportunidades para praticar auto avaliação e automonitoramento (OXFORD, 1990).
- Estratégias afetivas: as feições afetivas como sentimento, maneiras, motivação e valores, são fatores que influenciam na aprendizagem da língua. Para que o aprendiz tenha o controle sobre esses fatores, ele desenvolverá as seguintes estratégias afetivas: diminuir sua ansiedade ouvindo música, respirando fundo, encorajando-se criando afirmações positivas, gratificando-se e medindo sua temperatura emocional através da discussão dos seus sentimentos com alguma pessoa, fazer observações se está tenso ao usar a língua-alvo (OXFORD, 1990).

As estratégias apontadas por Oxford auxiliam na compressão de como os velhos apreendem o ensino da língua inglesa, ou seja, a expansão da duração da vida, que hoje está quase no limite máximo estabelecido pelo genoma humano, só foi possível, graças aos investimentos da cultura em instrumentos, habitação, técnicas e equipamentos de trabalho, higiene, imunização, antibióticos e outros recursos de proteção às agressões do ambiente e educação. Neste sentido, pode-se aferir que os velhos possuem condições cognitivas de aprendizagem ao longo da vida. 1958

A PRÁXIS DO PROFISSIONAL QUE CONDUZ O ENSINO-APRENDIZAGEM AOS VELHOS

Conforme diz Oliveira (1999, p.123) “[...] o envelhecimento da população é um fenômeno global que traz importantes repercussões nos campos social e econômico, especialmente nos países em desenvolvimento.”

Para que se possa reconhecer que este mundo está cada vez mais velho, é preciso saber como se pode trabalhar com essa população que só cresce e necessita de estratégias próprias para ter uma aprendizagem de significados a ela.

Segundo Cachioni (2002), o pioneiro no Brasil em ensino para velhos foi o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo, sob influência francesa. Na década de 1960 essa organização fundou os primeiros Grupos de Convivência e, na década de 1970, as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade. Ofereciam informações sobre o envelhecimento, programas de preparação para aposentadoria, atualização cultural e atividades físicas, de expressão e de lazer. Sustentados numa proposta de educação permanente, buscavam o desenvolvimento de potencialidades, de novos projetos de vida e estimulavam a participação ativa do idoso na família e na comunidade.

No Brasil, raras são as referências ao docente. Não possuímos uma área definida para a sua formação, ela tem estado a cargo de poucos cursos de atualização oferecidos nas próprias Universidades da Terceira Idade, dos núcleos de estudos gerontológicos na universidade e dos cursos de especialização em gerontologia. (CACHIONI, 2002).

Porém, já Cachioni (2012) diz que no contexto dos programas educativos destinados a pessoas idosas, as Universidades Abertas à Terceira Idade (UnATIs) destacam-se pela manutenção da educabilidade dos idosos, da oportunidade de fortes interações sociais e da promoção da qualidade de vida. Além da convivência, o pensar, o fazer e o aprender favorecem o bem-estar (Cachioni, 2012).

Oxford (1990), por sua vez, define estratégias de aprendizagem como “ações específicas do aprendiz para tornar a aprendizagem mais fácil, mais rápida, mais prazerosa, mais autodirecionada, mais efetiva e mais facilmente aplicável a situações novas.”

A prática vem sendo discutida por grandes teóricos como Schön (2000), a reflexão que possibilita ao professor construir as estratégias adequadas ao seu próprio mundo profissional. Na perspectiva da reflexão, a Prática de Ensino possibilita o redirecionamento da atividade docente levando a um ensino mais eficaz. Através da reflexão, o futuro professor compreende o complexo mundo do ensino e aprendizagem em sala de aula, pois somente refletindo o futuro professor tem a oportunidade de problematizar situações incertas e únicas, que estarão presentes em sua prática.

No ensino aos velhos, o modo de preparo da teoria com a prática não seria diferente de qualquer outro professor. Mas o olhar nas necessidades particulares ou grupais faz com que essa disciplina da língua inglesa ministrada na UMA, tivesse um maior sentido na aprendizagem.

Segundo Osório (2002), há uma necessidade em que o velho compreenda que é um ser social, que é essencial ver e estar com pessoas, compartilhando dos prazeres e das mesmas das

preocupações em que o outro tem. Neste momento, é imprescindível expandir suas relações sociais.

No Brasil, ainda não existem preceitos constituídos quanto aos conteúdos e atividades necessárias aos cursos gerontológicos. O desenvolvimento de recursos humanos nesses cursos vem se dando formalmente e informalmente. De modo formal, por meio de cursos de extensão universitária e de pós-graduação lato sensu e stricto sensu. E informal, por meio de congressos, grupo de estudos, simpósios, cursos de curta duração, entre outros. (MARTINS DE SÁ, 2002).

O profissional que irá atuar com acadêmicos da Universidade da Maturidade deve ter conhecimento na educação gerontológica. Assim, Martins de Sá (2002) evidencia algumas áreas necessárias para esta intervenção, como o conhecimento e as habilidades.

Sendo necessário o conhecimento e as habilidades (práxis), é indispensável a este profissional, seja qual for sua área, um entendimento de que público ele está lidando (o velho) e quais as técnicas viáveis a se ter para com ele, como por exemplo: em uma aula para os velhos, não se pode por slides com letras pequenas, pois grande parte pode ter deficiência visual parcial ou total. Também se tem a acuidade dessas pessoas na velhice, o que tende a diminuir com o passar dos anos. Sendo assim, o som da voz de um professor precisa ser audível. E se preciso for, e, tiver no local de aula, usar um microfone para que a aula flua, sem interrupção dos alunos dizendo que não estavam ouvindo o professor.

1960

Além de dominar a teoria, o professor necessita pôr em prática todo o manejo de lidar-se com estudantes velhos. O que for aplicado em sala de aula, ou em outro espaço, só haverá sentido se essa pessoa que faz a ponte do conhecimento para com que os alunos entendam com quem, e o modo específico a ser colocado em prática com este idoso, tenha maior significado à vida deles.

Ao repensar sobre a prática docente, o professor não tem mais como aplicar sua aula apenas com livro didático. É preciso investigar novos suportes. Ainda vemos a tecnologia sendo bastante útil nas aulas e que os alunos de diversas idades, se mantêm atentos e interessados em outras metodologia e novas ferramentas de ensino.

UM RELATO DE COMO A LÍNGUA INGLESA ENTROU NO BRASIL

Pelo contexto histórico, muitos sabem a origem da língua de seu país, por meio de colonizações ou situações que as levaram a adquirir seu idioma, assim também, as necessidades que obtiveram para adquirir uma outra língua, cuja referimos, estrangeira.

A Língua Portuguesa é o idioma oficial do Brasil, mas a Segunda Língua (L2) ensinada, como obrigatória nas escolas do país, principalmente a partir do 6º ano do fundamental, é o inglês. Isso, se referindo aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) e a Leis e Diretrizes de Base (LDB). E na história, segundo Cunha (1992), quando narra sobre a história dos índios no Brasil, relata que somente no século 18, no reinado de Don José I, depois de longos quatro séculos de predomínio português (1500

-1889), é que a língua portuguesa ganharia status de língua oficial. Marcado nesta data, o Marquês de Pombal decidiu, por meio do Diretório dos Índios de 1759, que o português fosse usado nas missões desenvolvidas pela Companhia de Jesus.

O relacionamento com a Língua Estrangeira Moderna / Inglês (LEM) obteve maior significância nos anos de 1654, por meio dos ingleses, ao estabelecer um monopólio sobre o comércio de mercadorias inglesas com os outros países, desfazendo dessa maneira o domínio colonial de Portugal no Brasil. Com maior relevância de ingleses e franceses no Brasil, brasileiros passaram a ter mais contato com outras línguas. E nesse momento se criam duas escolas de línguas, sendo uma inglesa e outra francesa, pelo então Príncipe Regente de Portugal, no decreto de 22 de junho de 1809. Até então, o grego e o latim eram as línguas estrangeiras ensinadas na escola. O texto do decreto diz o seguinte:

E, sendo, igualmente, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesas e inglesas, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa. (Oliveira, 1999 apud Chaves, 2004, p.5).

A Língua Inglesa é conhecida como língua universal, com a qual se pode comunicar em qualquer lugar, principalmente se a pessoa não souber a língua local do país que está a visitar. É também conhecida como o idioma do comércio e negócio.

No século XVII, o interesse de se aprender uma L2, inglês ou francês, seria apenas para o comércio, capacitar trabalhadores brasileiros ao mercado de trabalho, e assim, alcançando um contato maior com países estrangeiros, mas principalmente, com a Inglaterra.

Segundo a classificação proposta por Phillipson (1992), o Brasil pode ser colocado entre os países do grupo por ele denominado "periphery-English countries" (países periféricos de língua inglesa). De acordo com Phillipson, nessa categoria encontram-se dois tipos distintos: os países que fazem uso da língua inglesa apenas como um instrumento de ligação com outros países, como o Brasil, e aqueles onde o inglês foi imposto na era colonial, sendo ainda hoje utilizado na comunicação interna. Já Kachru (1982) refere-se aos países do primeiro tipo, onde

o Brasil se coloca como as comunidades onde o inglês é usado, na maioria dos casos, por um número limitado de indivíduos, com a finalidade de se estabelecer contato com o mundo externo, a comunicação com outros indivíduos e comunidades, o acesso à ciência e outros contatos internacionais para os quais o inglês serve de veículo. Ele cita como exemplo de tais países, além do Brasil, o Japão e a Turquia.

Muito importante destacar que o inglês se faz presente no dia a dia do povo brasileiro não apenas através da educação formal, como também através da mídia. O Brasil é um grande importador de produtos culturais dos Estados Unidos da América, especialmente da indústria cinematográfica. Isto contribui enormemente para a disseminação da ideologia do 'American way of life' (estilo de vida americano) entre os jovens, principalmente os de classes média e alta (PEREIRA, 1999).

Com o passar dos anos, a LI foi sendo adquirida, a nossa língua mais facilmente, sendo assim, parte de nossa cultura usar palavras desse idioma. Por mais que muitas pessoas não se identifiquem com a L2, ela está presente fortemente no nosso vocabulário. Basta observar essas poucas palavras que já utilizamos no dia a

dia: Web Site, Shopping Center, Look, Drive thru, Email, Download, Hambúrguer, Hot dog, etc.

São os diversos motivos de estar-se a utilizar a LI desde o séc. 18 aqui no Brasil, pois como em várias partes do mundo, ela se tornou uma L2, e quem a estuda e pratica, seu currículo é diferenciado e apreciado por várias áreas sociais.

A INSERÇÃO DA LI NO COTIDIANO DO VELHO

O indicador de aprendizagem, por muitos anos, vem debilitando-se no Brasil, por vários fatores sociais: o político, a família, das elites, entre outros. E nas escolas, há muito tempo, ocorre uma seletividade social através da classificação nos resultados que se baseiam em avaliações motivadas de forma centralizadas. Ocorre, portanto, consecutivas décadas com uma política que pouco tem mudado nas escolas e que não tem ajudado muito para melhorarmos os índices de aprendizagem.

Com a perspectiva do parágrafo acima obtém-se uma ideia de que o ensino de um idioma nas escolas precisa ser tão importante quanto qualquer outra disciplina, até mesmo comparada à Língua Portuguesa e Matemática, matérias que são muitas vezes ditas como de grande importância, porém não as desmerecendo. Mas o que se quer é, que a LI fosse entendida como

a língua do comércio, da globalização, do turismo. A qual abre portas de emprego, e diversos outros benefícios, faz com que o cérebro não descanse e esteja sempre na ativa ao estudá-la ou praticá-la.

E para que esse aluno tenha vontade de aprender, sendo de qualquer faixa etária, precisa-se de instrumentos pedagógicos que façam parte do universo dele, ou seja, do seu cotidiano. Pois de nada serve ensinar uma música de Lady Gaga para um idoso, se o que lhe agrada é uma música de Fred Mercury ou dos Beatles.

Segundo Grossi (2000, p. 51), ensinar só cumpre sua finalidade se tiver a ver com o contexto de vida dos seus destinatários. Qualquer ensino só funciona se toca as vivências, os valores, o que tem significado de quem aprende. Esta característica de vinculação com o vivido não é prerrogativa da chamada educação popular. Ela é, sim, uma exigência de toda atividade didático-pedagógica.

Quando o assunto faz parte do contexto de vida daquele aluno, o interesse se torna claro e eficaz, pois não há uma linguagem que separa professor e aluno nos momentos da práxis, o que torna a aprendizagem significativa.

De forma a elucidar a aprendizagem significativa, pode-se afirmar que é o processo pelo qual uma nova informação é recebida pelo sujeito e interage com uma estrutura de conhecimento específica orientada por conceitos relevantes, os conceitos subsunçores – ou conceitos incorporadores, integradores, âncoras – determinantes do conhecimento prévio que ancora novas aprendizagens (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1980). Nesse sentido, Ausubel afirma que apreender o significado do conceito consiste em compreender quais são os atributos criteriosos que o distinguem ou identificam, e não apenas nomeá-lo por meio de um rótulo diretamente vinculado ao referente. Na aprendizagem conceitual os atributos de critérios de um novo conceito relacionam-se com as ideias relevantes na estrutura cognitiva, para darem origem a um novo significado genérico, mas unitário (AUSUBEL, 2003, p. 85).

Segundo Ausubel (2003), o ser humano constrói significados de maneira mais eficiente quando considera inicialmente a aprendizagem das questões mais gerais e inclusivas de um tema, ao invés de trabalhar inicialmente com as questões mais específicas desse assunto. Assim, em nossa proposta apresentamos os conteúdos de forma simples, partindo daquilo que é familiar aos educandos, e depois, seguimos para o mais complexo.

Pizzolato (1995, p.150) afirma que na idade adulta a obrigatoriedade da aprendizagem de línguas deixa de partir de instituições como a família e a escola e passa a existir por motivação

interna ou, pelo menos, essa obrigatoriedade torna-se mais tênue.

Resumindo o que Pizzolato (1995) disse acima, é que os motivos em que um idoso vem a querer aprender uma L2, é o que lhe agrada, o que se torna sentido na sua motivação. O que poderia ser essa motivação? Pesquisadores relatam uma série de fatores, como: a autoestima elevada, a memória ativa, a sociabilidade, a possibilidade de viajar ao exterior e praticar a língua, entre outros pontos positivos (Pizzolato, 2008).

Mesmo existindo a motivações interna, a externa, segundo Vygotsky (1989), ao destacar o social como estímulo de aprendizagem, já se referia a eles ao evidenciar que os aspectos externos contribuem para os fatores internos do aprendiz. E ainda acrescenta que o desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura.

Conforme Vygotsky (1989), o sujeito é interativo porque forma conhecimentos e se estabelece como ser social, a partir de relações intra e interpessoal. Assim, Pizzolato (1995), reforça que para essa significância na aprendizagem ocorrer, o professor é fundamental nesse processo no que diz respeito ao ensino/aprendizagem a que o idoso se submete:

O pensamento tem que passar primeiro pelos significados e depois pelas palavras [...], é gerado pela motivação, isto é, pelos nossos desejos, e necessidades, nossos interesses e emoções [...]. Para compreender a fala de outrem não basta apenas entender as suas palavras — temos que compreender o seu pensamento (PIZZOLATTO, 1995, p.129).

1964

A motivação na aula poderá levar ao sucesso ou ao fracasso do estudante, pois quanto mais conhecermos o aluno que estamos trabalhando, mais saberemos o seu universo, ou seja, o que lhe interessa. Assim, ao ensinarmos pessoas velhas, entendemos que o contexto de vida deles, na maioria, é a família, religião, os amigos, culinária, saúde, e tudo que faça parte do seu cotidiano. E é a partir daí que o ensino/aprendizagem terá sentido, pois dentro processo de tudo que os envolvem é o ponto de partida para a introdução da aquisição da LI.

CONCLUSÃO

As estratégias de aprendizagem propostas por Oxford (1990) são importantes para compreender a aquisição de uma nova língua por idosos, permitindo a adaptação do ensino às suas necessidades cognitivas, emocionais e sociais. O professor assume um papel mediador, promovendo a autonomia e o engajamento dos aprendizes por meio de práticas pedagógicas acessíveis e significativas.

Apesar dos avanços, ainda há desafios na formação de profissionais para a educação

gerontológica, evidenciando a necessidade de políticas educacionais voltadas para esse público. As Universidades Abertas para a Terceira Idade (UnATIs) surgem como um espaço relevante nesse contexto, reforçando a importância de um ensino inclusivo e adaptado, que permita aos idosos vivenciarem o aprendizado de línguas como uma experiência enriquecedora e transformadora.

Dessa forma, a importância do ensino de línguas para idosos e a necessidade de metodologias pedagógicas adequadas reafirmam a relevância de uma abordagem humanizada, reflexiva e adaptada às realidades dos aprendizes. Apenas por meio de práticas educacionais inovadoras e acessíveis será possível garantir que o aprendizado de uma nova língua proporcione uma experiência enriquecedora em qualquer idade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. Aspectos sociais do envelhecimento. In: SALDANHA, A.L.; CALDAS, C.P. (Ed.), *Saúde do Idoso: a arte de cuidar*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Interciência, p. 11-26, 2004.

AUSUBEL, D. P. *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. *Psicologia Educacional*.

Trad. De Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BALTES, P. B. Theoretical propositions of the lifespan developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, v. 23, p. 611-696, 1987.

BALTES, P. B. On the incomplete architecture of human ontogeny. Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, v. 52, n. 4, p. 366-380, 1997.

BARRETO, Maria Leticia. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. *Política Nacional do Idoso: Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, 2003.

BRASIL. *Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRITO, F. C.; LITVOC, C. J. Conceitos básicos. In: BRITO, F. C.; LITVOC, C. (Ed.), *Envelhecimento – prevenção e promoção de saúde*. São Paulo: Atheneu, p. 1-16, 2004.

BUENO, Silveira. Minidicionário da Língua Portuguesa. Edição atualizada. São Paulo: FTD, 1999.

CACHIONI, Meire. Formação Profissional, Motivos e Crenças Relativas à Velhice e ao Desenvolvimento Pessoal entre Professores de Universidades da Terceira Idade. 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CACHIONI, Meire. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. Revista Kairós Gerontologia, São Paulo, v. 15, p. 01-08, 2012.

CAPUZZO, D. de B. Elementos para a educação de pessoas velhas. Tese de Doutorado em Educação, Brasília, 2012.

CAVALCANTE, E. S. (et al.). Caracterização do idoso atendido numa UBSF em Campina Grande-PB. Inter Science Place, Ano 3, 2010.

CUNHA, M. M. C. da.(org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Fapesp/ SMC, 1992.

GODOY, M. F. G. Criatividade e integração vital com idosos. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1996.

GROSSI, Miriam Pillar. Tópicos Especiais em Antropologia – Masculinidades. 2000.

GUSMÃO, N. M. M. (Org.). Infância e velhice: pesquisa de ideias. Campinas, SP: Alínea, 2003. 1966

KACHRU, Braj. “Models for non-native englishes”, in B. Kachru (org.), The other tongue, Chicago, University of Illinois Press, 1982.

LI, Shu; LINDENBERGER, Ulman; SILKSTROM, S. Aging cognition: from neuromodulation to representation. Cognitive Science, v. 5, n. 11, p. 479-486, 2001.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; VERAS, Renato. Saúde pública e envelhecimento. Caderno de Saúde Pública, v. 19, RJ, 2003.

MARTINS de SÁ, Jeanete Liasch. A Formação de Recursos Humanos em Gerontologia: fundamentos epistemológicos e conceituais. In: FREITAS et al Elizabeth Viana. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

MONTEIRO, Pedro P. Envelhecer: histórias, encontros, transformações. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MOTTA, L. B. Processo de envelhecimento. In: SALDANHA, A. L.; CALDAS, C. P. (Ed.), Saúde do Idoso: a arte de cuidar. 2ª edição. Rio de Janeiro: Interciência, p. 115-124, 2004.

NERI, A. L. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso. Terceira Idade, v. 16, n. 34, p. 7-24, 2005.

OLIVEIRA, P. de S. *Vidas Compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

OSÓRIO, N. B. *Uma proposta de instrumentalização para jovens universitários atuarem junto a idosos institucionalizados, inspirada na Pedagogia Salesiana*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2002.

OXFORD, R. *Language Learning Strategies*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1990. p. 4-8.

PAULO, D. L. V.; NEVES, G. S. A utilização de atividades lúdicas, socioeducativas e intergeracionais na comemoração do Dia dos Avós. *Revista Portal de Divulgação*, n. 16, nov. 2011.

PEREIRA, A.L. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E CULTURAIS. *Revista número 03, Janeiro / Junho - 1999*.

PHILLIPSON, R. *Linguistic Imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

PIZZOLATO, C. E. *A sala de aula de língua estrangeira com adultos de terceira idade*. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem) – Campinas: Unicamp, 1995.

PIZZOLATTO, C. E. *A sala de aula de língua estrangeira com adultos da terceira idade*. In: ROCHA, C. H.; BASSO, E. A. (Orgs.). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 237-255.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

1967

SCHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TESSARI, O. I. *Qualidade de Vida na Terceira Idade*. Disponível em: <http://www.riototal.com.br/feliz-idade/psicologia04.htm>. Acesso em dez. 2016.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZIMERMAN, G. I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.